

03-02-2023

## AINDA QUE... E TODAVIA

### Sônia Gertner

[Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência.  
Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz]

Esse texto para Coluna Opinião começou a ser escrito em meio à noite escura de 1º de abril de 2021 e meu sentimento de desalento era tal que não o enviei aos editores. Encontrei-o agora, pós dia 1º de janeiro de 2023. O contraste de sentimentos foi tão grande que resolvi compartilhá-lo para que através de um olhar retrospectivo não nos esqueçamos de como foi grande nossa angústia e maior ainda a nossa conquista, sem perder de vista como são desafiadoras nossas perspectivas. Na noite escura em que não consegui dormir minha mente estava fixada em escrutinar a situação a que chegamos. Tentava orar, mas só conseguia fazer uma oração imprecatória, daquelas que pedem a morte do inimigo. Lembrei de um livro que leva o nome do seu autor, e este quando se percebe vivendo uma situação absurda, inicia o texto com muitas perguntas, vários questionamentos, muitas interrogações. Habacuc é seu nome. ....

Ele narra sua história pessoal imbricada na história nacional. Uma história antiga e tão atual. Uma história que se repete na História. O autor inicia expressando toda a sua indignação ao perguntar: “*Até quando a injustiça grassaria? Até quando a verdade seria subvertida pela mentira? Até quando os pobres seriam explorados?*” Assim ele segue em sua perplexidade, angústia e indignação. Um clamor por justiça. Pensei, assim me sinto e pergunto indignada: até quando nosso país suportará tanto descaso pelas vidas, até quando amargaremos o escárnio para com o sofrimento alheio, até quando assistiremos o desmonte dos poucos direitos conquistados em anos de luta pelo processo democrático? Ao continuar em seus questionamentos Habacuc tem uma triste percepção: as coisas ainda poderiam piorar muito, com o abandono do povo a sua sorte, o aumento da corrupção de quem estava no poder, o crescente apoio a quem trazia medidas desumanas e cruéis para os problemas nacionais, sempre movido pela ganância ou fome de se manter no poder, mesmo que através de violência de todas as formas. A narrativa chega ao ápice quando no seu limite, o autor decide fechar-se em si mesmo, tentando encontrar respostas para suas questões existenciais, políticas e ético-espirituais. Quando, então, tem uma experiência mística, talvez uma epifania, onde enxerga, como quem usa uma lanterna andando sobre escombros, duas coisas: - a primeira é que preciso continuar lutando para continuar vivendo; - e a segunda é que a justiça virá, haverá julgamentos, alguns aqui e outros acolá, talvez impossíveis de serem assistidos, mas apenas intuídos em outra dimensão. Quem hoje provoca tanto sofrimento e injustiça ainda há de gritar muitos “Ais” e responderá por seus atos. Lembrei-me do teólogo Dietrich Bonhoeffer que viveu na Alemanha nazista, foi preso por ter se posicionado contra o regime e a favor da justiça, da igualdade e da fraternidade que o cristianismo verdadeiro prega. Ele não foi salvo a tempo, foi assassinado no campo de concentração em 09 de abril de 1945, dias antes da derrota do nazismo. Não viu o fim da guerra, mas sua voz continua até hoje, inspirando-nos a buscar vida, a justiça e a ética. Voltando à Habacuc, é com poesia que o autor do livro expressa uma mudança em sua posição existencial e declama a expressão que poderia ser um título, um mote, um brado de resistência: AINDA QUE... ....Permito-me parafrasear as razões tenebrosas vivenciadas pelo personagem, enumerando as piores circunstâncias pessoais e nacionais que experimentamos hoje no Brasil: .....Ainda que.....

Ainda que Bolsonaro tenha sido eleito por uma multidão equivocada ou identificada; Ainda que seja um perverso sem máscara, que nunca escondeu sua desumanidade; Ainda que diante da morte de milhares, não se envergonha de revelar sua face genocida; Ainda que seu ministério e assessores sejam da pior qualidade técnica e moral; Ainda que tenha apoios escusos de religiosos - fariseus - hipócritas - fundamentalistas; Ainda que seja sustentado por negócios contrários à vida, como armamento, agrotóxicos e destruição do meio ambiente; Ainda que tenha arrastado a sociedade para um pântano de preconceito, discriminação e ódio pelas diferenças; Ainda que assistamos atônitos a tantos retrocessos nos direitos sociais, conquistados com lutas históricas; Ainda que não tenhamos espaço nesse texto para continuar denunciando todo estrago feito... A História revelará! Mas o autor finaliza sua poesia, com uma reviravolta, ao invocar uma conjunção coordenativa adversativa... TODAVIA... Sim, há de existir um todavia. Escrevendo no momento mais crítico, no solo mais árido, na economia mais destruída, ele manifesta sua resistência ao crer que há de brotar uma flor impossível: a Esperança na alegria de viver. Sim, como precisamos da esperança equilibrada para continuarmos resistindo, ainda que tudo diga não, até que o Brasil reencontre o caminho da democracia, da igualdade e da fraternidade. Enfim, chegamos a 2023, raiou o novo dia, o amanhã da mais louca alegria... tão cantado e desejado como na música de Guilherme Arantes, eternizada na voz de Caetano, mesmo que alguns não queiram, e até teimem em não acreditar. Ainda que tenhamos vivido os piores quatro anos de governo ou desgoverno... Todavia Lula subiu aquela rampa juntamente com o povo ali representado por Francisco, de 10 anos, menino negro morador de Itaquera, zona leste de São Paulo, e o cacique indígena Raoni, 90. Incluindo uma catadora de materiais recicláveis, Aline Sousa, 33, um professor, Murilo Jesus, 28, uma cozinheira, Jucimara Santos, Ivan Baron, pessoa com deficiência, que teve meningite aos 3 anos e ficou com paralisia cerebral, o metalúrgico Wesley Rocha, 36, e o artesão Flávio Pereira, 50, que participou do acampamento Lula Livre, em Curitiba, durante a prisão do ex e agora novamente presidente da República. Agora é reconstruir e fazer coro com a poesia... *...e ainda que a vida diga NÃO, a gente passa um rodo nela e diz SIM! O que não dá é cruzar os braços e se conformar com tudo! Um pouco de fé e teimosia de vez em quando é essencial pra quem acredita que viver não é só aceitar o que a vida dá, mas sim buscar o que a gente quer!* (Mell Glitter) ■■■



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.